

ainas

Nº 6, 08/2019



ainas

Secondo anno
AÍNAS N°6 . 06/2019
WWW.AINASMAGAZINE.COM
INFO@AINASMAGAZINE.COM

Direttore Roberto Cossu
Condirettore Giorgio Giorgetti
Direttore artistico Bianca Laura Petretto
Grafica, assistenza artistica e comunicazione Sofía Arango Echeverri

In copertina la fotografia dell'opera è di Chiaki Dosho:
Light & Dark White 2, 2016. Trapuntatura a macchina diretta e ricamo a mano.
Kimono giapponese vecchio (seta, cotone, lana, fibra sintetica), filato (seta, cotone, lana, fibra sintetica),
filo (poliestere, rayon), 15 x 15 x 10 cm.
Le opere delle sezioni sono di Julia Restrepo, collezione "Casas", oli su tela.

Le poesie sono tratte da:
Giovanni Bernuzzi, *Tramontata è la luna. Traduzioni poetiche da Saffo al Novecento*, Happy Hour Edizioni

© Aínas 2019
La traduzione, la riproduzione e l'adattamento totale o parziale, effettuati con qualsiasi mezzo, inclusi la fotocopiatura, i microfilm e la memorizzazione elettronica, anche a uso interno o didattico, sono consentiti solo previa autorizzazione dell'editore. Gli abusi saranno perseguiti a termini di legge.

is aínas faint is fainas . gli strumenti fanno le opere

Secondo anno AÍNAS n°6 © 06/2019, reg. n° 31/01 Tribunale di Cagliari del 19 09 2001, periodico di informazione trimestrale, cartaceo e telematico. Iscrizione n° 372004 al Registro della stampa periodica Regione Sardegna, L.R. 3 luglio 1998, n° 22, ART. 21.

ISSN 2611-5271

Editore Bianca Laura Petretto, Cagliari, Quartu Sant'Elena, viale Marco Polo n. 4
Direttore responsabile Roberto Cossu

B&BArt
Museo di Arte
contemporanea
www.bbartcontemporanea.it
info@bbartcontemporanea.com



Un ringraziamento speciale a Guido Festa
Progettazione e costruzione di "GLOVE BOXES"
e prototipi per la ricerca farmaceutica e nucleare
www.euralpha.it

AP
by
Quintaclasses
info@quintaclasses.it

INARTE
WERKKUNST
GALLERY
CASA D'ASTE

MUSEO
INTERNAZIONALE DELLA
MASCHERA
AMLETO E DONATO
SARTORI

HappyHour



Città di Todi

AÍNAS N°6

4 editorial

4 esperando un abrazo

7 chapter I . special

8 the legendary sculptor

9 s.dhanapal

19 chapter II . news

20 l'orologio di robert

22 memórias exiliadas

23 flávio cerqueira

31 chapter III . crossing

32 pic nic a esfahan

38 fac lattuga habana

53 chapter IV . the new code

54 autónomo

75 chapter V . pataatap

76 chiachi dosho

77 tineke smith

91 chapter VI . swallow

92 emozioni al dente

NEWS

memórias exiladas

FLÁVIO CERQUEIRA

Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele.
(Mário de Andrade, *Macunaíma*, 1928).

Macunaíma, criado em 1928, por Mário de Andrade, nasceu retinto, porém, pelas águas do rio tornou-se homem branco. Esse episódio inaugura as três raças (branca, negra e índia) no romance que tece as peripécias do “nosso herói sem nenhum caráter”. Num tempo e espaço mágicos, o autor fundante do modernismo, constrói uma narrativa que envolve mitos populares e cultura colonizada para desvelar a complexidade psicológica do “povo brasileiro”. Embebidos pelos ideais que buscam as raízes do Brasil e a homogeneidade nacional, por muito tempo, artistas e intelectuais fornecem os subsídios necessários para o exílio de memórias. Essas memórias “mal resolvidas reminiscências” que expõem a segregação de grande parcela da população (negros, índios, mulheres e LGBTs*) e, assim, elas são escondidas pelo mito de nossa democracia racial.

Os mais de 300 anos de escravidão (e, após 1888, de marginalização) nos dão o contexto atual: a permanência do privilégio do homem branco; o “misturar para embranquecer” e, ao mesmo tempo, o extermínio do sangue mestiço – evidente paradoxo e clara expressão do determinismo biológico que legitima a hierarquia das raças. Todos esses fatores são camuflados pela falsa meritocracia que impeliu (e ainda hoje impele) a juventude negra e mestiça à discriminação, sendo o sistema escolar um dos mecanismos mais potentes para essa exclusão. Mas, nessa “história do homem cordial”, sempre há os que denunciam e resistem.

Artistas visuais, como Flávio Cerqueira (São Paulo, 1983), escancaram séculos de memórias exiladas em seus trabalhos. Simbolicamente, nos trazem a tensão e o debate que alguns insistem em manter proscritos. E, por capricho da história da arte, Flávio usa, inspirado em Rodin, o bronze – material tão caro aos monumentos que rememoram os heróis. Adequado à tradição dos monumentos, o bronze liga-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é legado à memória coletiva). Para além dos nossos dias, o artista trabalha com um processo milenar (a fundição em bronze pelo processo de cera perdida) para dar forma aos seus personagens que, de certo modo, são anti-heróis.

Tião, 2017, realmente, é um anti-herói dignificado pelo bronze. Ele é insubmissão da arte contemporânea que utiliza a técnica tradicional para discutir os marginalizados. Citação, ironia e resistência no dia-a-dia marcam o fazer de Flávio Cerqueira. Nas suas esculturas, negros e mestiços protagonizam situações de introspecção e reflexão. Segundo a crítica de arte brasileira, eles representam novas versões para a história oficial do país.

Nesse sentido, Flávio joga com a força da tradição escultórica, através da técnica, do trabalho em atelier e da expressão figurativa, para miná-la de dentro para fora. O que faz sua arte tão contemporânea? Justamente, são o motivo (aqui já explicitado) e as pequenas subversões. E o que são as insubordinações? Vez ou outra, ele introduz objetos que rivalizam com o bronze, tais como, tinta eletrostática, espelhos, fiança, livros, escadas e troncos de árvores. Os títulos de seus trabalhos completam a reflexão sobre o motivo. Aqui tratemos de destacar algumas.

NEWS

Em *Foi assim que me ensinaram*, 2011, o artista nos mostra a humilhação disfarçada de educação. De frente para o canto da sala, o dito “aluno indisciplinado” cumpre seu castigo sentado nos livros que deveriam ser sua redenção, mas são a base para o seu castigo. Em *Eu te disse...*, 2016, o corpo do menino foi sepultado pelos livros e pela quantidade de informações. Nas duas peças, o artista-contador de “causos” nos faz rememorar a opressão do sistema educacional brasileiro.

Em *Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim*, 2015, da cabeça do menino de bronze brotam plantas que se entrelaçam e se lançam ao espaço que envolve a obra. Essa peça reverencia a tela *Eu vi o mundo ... ele começava no Recife*, 1928, do modernista Cícero Dias – obra que provocou grande escândalo por seus nus provocativos e por sua atmosfera onírica. À época, criação artística e sonhos são vistos como manifestações legítimas do inconsciente. A obra de Dias corresponde de modo imediato a essas expectativas. Mas, o mote do menino de bronze são seus sonhos e ideias que germinam e tomam de assalto o que está em volta.

Já *Antes que eu me esqueça*, 2013, a figura defronte ao espelho busca por sua imagem no reflexo; procura por uma identidade que a história sempre tentou dissipar – os traços identitários são memórias esmaecidas, mas não apaziguadas. *Amnésia*, 2015, nos faz lembrar o banho de Macunaíma, mas nela a tinta branca não é mágica e tão pouco suficiente para cobrir o menino – o embranquecimento social (a face pervertida da mestiçagem) surge aqui como memória sombria que paira entre nós.

Por fim, a poesis de Flávio Cerqueira nos remete às memórias que muitos preferem deixar adormecidas. Mas, são sentimentos que o artista vive (que nós vivemos e, por isso, a conexão). O artista não nos conta uma história com início, meio e fim porque nosso tempo e nossos sentimentos não são lineares. São memórias que vem e vão. Cada uma de suas peças toca em ferimentos não fechados (mas, que insistem em ser ignorados). São esculturas que dizem tanto de nós e dos “outros” e, por essa razão, cada vez mais, têm acessado o devido reconhecimento de acervos, coleções e galerias nacionais e internacionais – isto porque tratam do humano em nós.

São Paulo, 06 de maio de 2019.

Alecsandra Matias de Oliveira.

Doutora em Artes Visuais (ECA USP)

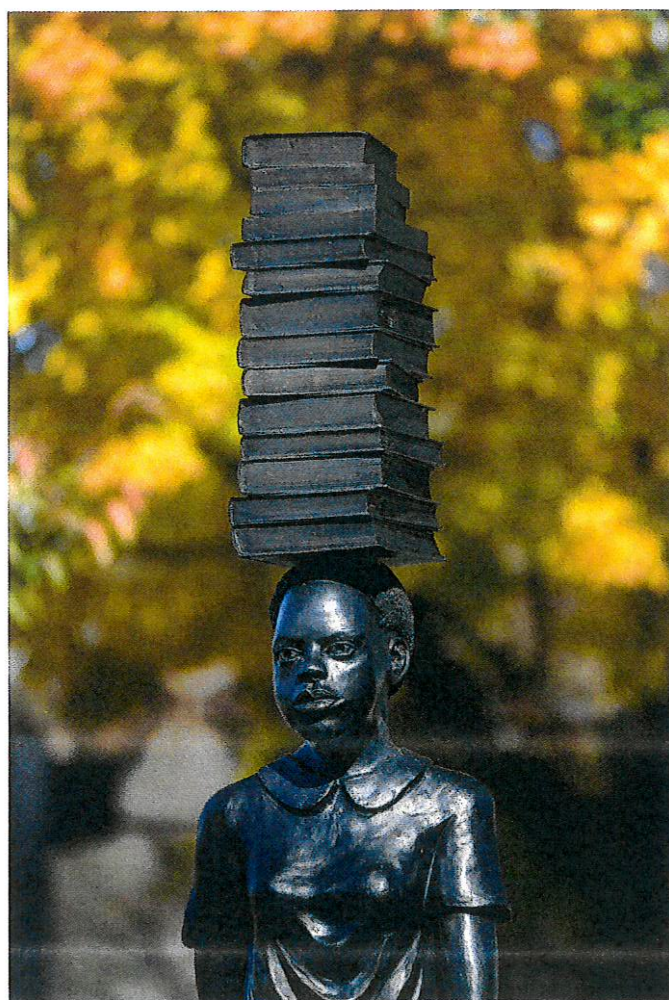
Membro da Associação Brasileira de Crítica de Arte (abca)



NEWS



◀ EU TE DIS
Flávio Cerqueira
Bronze e livros,
Dimensões vari
Edição de 3 + .



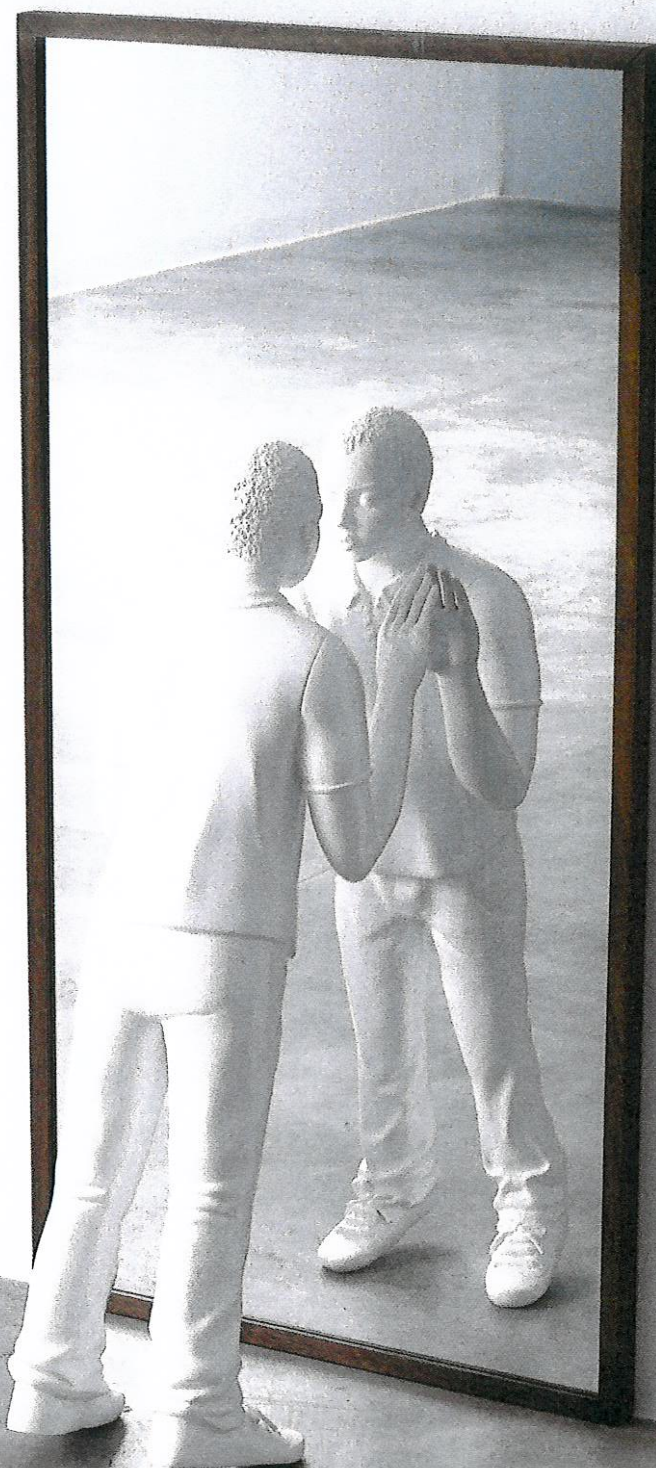
◀ Sinistra EU
E ELE COME
DE MIM
Flávio Cerqueira
Bronze, aço in
bombeamento
aquáticas, bon
165 x 200 x 2
Edição de 3 +

◀ Destra UM
QUE NÃO S
Flávio Cerqueira
Bronze, 2015.
175 x 38 x 45
Edição de 5 +
Fotografia ©

NEWS



*Pg.28-29 AMNÉSIA
Flávio Cerqueira
Tinta latex sobre bronze, 2015.
137 x 30 x 26 cm
Edição de 5 + 2 PA
Fotografia © Romulo Fialdini*



QUE EU ME
ESQUEÇA
Álvio Cerqueira
em sobre bronze,
espelho, 2013.
3 x 35 x 20 cm
ão de 5 + 2 PA
ouard Fraipont

